



A ACESSIBILIDADE NAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

ACCESSIBILITY AND COMMUNICATION: LITERATURE REVIEW AND DATA
ANALYSIS

ACCESIBILIDAD Y COMUNICACIÓN: REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA Y ANÁLISIS DE
DATOS

Samara Wobeto¹

Luan Moraes Romero²

Viviane Borelli³

Resumo: O artigo parte da inquietação por referências para pesquisas sobre a acessibilidade na área da comunicação. Assim, o artigo objetiva fazer uma revisão de literatura (Flick, 2009; Martino, 2018) dessas pesquisas, no âmbito da produção científica da pós-graduação brasileira, a fim de construir um estado da arte (Santaella, 2001). A metodologia escolhida é a revisão de literatura (Flick, 2009), articulada com o uso de *softwares* para a visualização de dados por meio de gráficos, que permitem a análise lexicométrica (Degenne e Vergès, 1973; Newman e Girvan, 2004; Brandes, 2001; Romero e Borelli, 2024), como o *IraMuTeQ* e o *Gephi*. O embasamento teórico para a discussão acerca das construções de *corpus* e análise de dados se centra em autores como Braga (2011a; 2011b; 2020), Gitlin (2009) e Gindin e Busso (2018). Os resultados confirmam que a área de estudos de comunicação e acessibilidade está em construção (Elcessor, Hagood e Kirkpatrick, 2021). Os trabalhos mapeados tematizam, especialmente, a audiodescrição, os usos e apropriações das mídias e distintos aspectos sociais.

Palavras-chave: comunicação; acessibilidade; estado da arte; *software*.

Abstract: The article is based on a concern for references for research into accessibility in the field of communication. Thus, the article aims to carry out a literature review (Flick, 2009; Martino, 2018) of this research within the scope of Brazilian postgraduate scientific production in order to build a state of the art (Santaella, 2001). The methodology chosen is a literature review (Flick, 2009), combined with the use of software to visualize data using graphs that allow lexicometric analysis (Degenne and Vergès, 1973; Newman and Girvan, 2004; Brandes, 2001; Romero and Borelli, 2021), such as *IraMuTeQ* and *Gephi*. The theoretical basis for the discussion on corpus constructions and data analysis is centered on authors such as Braga (2011a; 2011b; 2020), Gitlin (2009) and Gindin and Busso (2018). The results corroborate that the field of communication and accessibility studies is under construction (Elcessor, Hagood and Kirkpatrick, 2021). The mapped works focus particularly on audio description, the use and

1 Jornalista. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (Poscom/UFSM). E-mail: samara.wobeto@acad.ufsm.br.

2 Jornalista. Mestre e doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (Poscom/UFSM). E-mail: luan.romero@acad.ufsm.br.

3 Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. E-mail: viviane.borelli@ufsm.br.

appropriation of media and different social aspects.

Keywords: accessibility; communication; state of the art; software.

Resumen: El artículo parte de una preocupación por las referencias de investigación sobre accesibilidad en el campo de la comunicación. Como tal, el artículo tiene como objetivo realizar una revisión bibliográfica (Flick, 2009; Martino, 2018) de esta investigación en el ámbito de la producción científica brasileña de posgrado con el fin de construir un estado del arte (Santaella, 2001). La metodología elegida es la revisión bibliográfica (Flick, 2009), combinada con el uso de softwares de visualización de datos por medio de gráficos que permiten el análisis lexicométrico (Degenne y Vergès, 1973; Newman y Girvan, 2004; Brandes, 2001; Romero y Borelli, 2021), como IraMuTeQ y Gephi. La base teórica para la discusión sobre la construcción de corpus y el análisis de datos se centra en autores como Braga (2011a; 2011b; 2020), Gitlin (2009) y Gindin y Busso (2018). Los resultados corroboran que el campo de los estudios sobre comunicación y accesibilidad está en construcción (Elcessor, Hagood y Kirkpatrick, 2021). Los trabajos cartografiados se centran especialmente en la audiodescripción, el uso y la apropiación de los medios de comunicación y diferentes aspectos sociales.

Palabras clave: accesibilidad; comunicación; estado del arte; *software*.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva revisar a literatura acerca dos estudos que incorporam a pesquisa em acessibilidade na interface com a Comunicação, por intermédio da articulação com a análise de dados obtidos por meio da utilização de *softwares*. O mapeamento compreendido no estudo surge do incômodo com as poucas referências bibliográficas encontradas em relação ao entrelaçamento entre as abordagens ao estudar o tema nos últimos anos (Wobeto e Borelli, 2020a; Wobeto e Borelli, 2020b; Wobeto, Romero e Borelli, 2021; Wobeto, 2023; Wobeto, Romero e Borelli, 2023; Wobeto, Borelli e Romero, 2024). Esse fato também é constatado por autores que se propõem a investigar a acessibilidade no campo da Comunicação. Assim, além de fazer crítica à falta de pesquisas com olhar comunicacional para a acessibilidade, este estudo se propõe a realizar o mapeamento do que é produzido no âmbito de teses e dissertações, a fim de avançar na construção dessa área de conhecimento.

Mesmo que outras áreas pesquisem a acessibilidade com maior recorrência, e são destaques a Educação Especial e o Direito, o olhar para os aspectos comunicacionais da questão importam uma vez que é necessário, em pesquisas na Comunicação, voltar o olhar para o próprio campo (Braga, 2011b). A interdisciplinaridade, aliás, constitui aspecto inerente das pesquisas da nossa área (Braga, 2020, p. 102), que tem um “certo reconhecimento acadêmico da especificidade, mas também uma constatação de sua baixa consistência, assim como uma permeação em conhecimentos sociais de diversas origens, sem percepções minimamente acordadas sobre o que define o fenômeno comunicacional”.

A partir disso, considera-se essencial o olhar comunicacional específico para os estudos da acessibilidade, movimento já realizado em estudos anteriores (Wobeto e Borelli, 2020a; Wobeto e Borelli, 2020b; Wobeto, Romero e Borelli, 2021; Wobeto, 2023; Wobeto, Romero e Borelli, 2023; Wobeto, Borelli e Romero, 2024) e que será feito neste trabalho, ao mapear as dissertações e teses produzidas

na última década (2013 - 2023) a partir da base de dados do Catálogo de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (Capes). Esta pesquisa é considerada exploratória, termo que é problematizado por Bonin (2013), na medida em que busca aproximações com a temática estudada, e objetiva ser um primeiro passo no fazer de um projeto de pesquisa mais amplo. A metodologia ancora-se na revisão de literatura (Flick, 2009; Martino, 2018) para a construção de um estado da arte ou estado da questão, como nomeia Santaella (2001).

Além disso, o artigo ancora-se em procedimentos metodológicos que usam *softwares* como o *IraMuTeQ* e o *Gephi* para a visualização de dados por meio de análise lexicométrica. Tais *softwares* têm sido utilizados em outras pesquisas realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (Cimid/UFSM) no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (Poscom/UFSM). As metodologias relativas ao uso desse tipo de técnica já foram aplicadas em nível de iniciação científica, na produção de artigos, de trabalhos de conclusão de curso e em projetos de dissertações e teses.

Trata-se de pesquisas que buscam um olhar para os objetos comunicacionais que vão além do qualitativo e do quantitativo de modo separado, mas que permitem complexificar e aprofundar as análises por meio da combinação de dados textuais e numéricos. Acredita-se que esse tipo de movimento é profícuo para no âmbito das Ciências Sociais e, especialmente, na Comunicação, cujas pesquisas quantitativas da *Mass Communication Research* foram marcadas por uma sociologia positivista e careciam de crítica e de uma análise mais aprofundada dos dados de pesquisa (Gitlin, 2009).

Também é importante situar esta pesquisa no âmbito dos estudos que problematizam a semiótica dos dados (Gindin e Busso, 2018). Ao refletirem sobre a origem dos dados que coletamos e usamos em nossas pesquisas, as autoras nos provocam a pensar sobre a articulação entre métodos e técnicas quantitativas e qualitativas, o que já foi feito em pesquisas anteriores desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Comunicação Midiática e Estratégias Comunicacionais. Essa articulação é central, visto que o universo de teses e dissertações que compõem o *corpus* não pode ser compreendido como dado massivo, e talvez não seja considerado em uma categorização de muitos dados, mas isso não impede a análise.

Com a utilização de *softwares*, a intenção é também fazer algum tipo de experimentação metodológica e propor a articulação entre o qualitativo e o quantitativo, através de um olhar crítico, como motivam Gindin e Busso (2018), ao comentar que boa parte das investigações que utilizam dados quantitativos carecem de um olhar mais minucioso. Ao propor o tensionamento entre esses dois movimentos metodológicos, também é possível pensar a teoria da construção metodológica, como estimula Braga (2011a), apontando limitações, desafios, problemas e possibilidades nesse tipo de abordagem.

Flick (2009) também reflete sobre a pesquisa do tipo quantitativa-qualitativa. Para o autor, os métodos podem ser associados, de diversas maneiras, no caminho de uma pesquisa, em que eles podem ser combinados na coleta de dados, na pesquisa de campo, nos levantamentos, na exploração, na análise e em estudos de campo. Isso situa as duas formas de metodologias em diferentes fases de um processo investigativo. “Um estudo poderá incluir abordagens qualitativas e quantitativas em diferentes fases do processo de pesquisa sem concentrar-se necessariamente na redução de uma delas a uma categoria inferior ou em definir a outra como sendo a verdadeira abordagem da pesquisa” (Flick, 2009, p. 43).

Ao usar *softwares* para a composição visual do mapeamento – por meio de nuvens de palavras

e árvores máximas de similitude (Degenne e Vergès, 1973) – os dados podem fornecer pistas que permitam fazer inferências e, assim também, contribuir com a reflexão sobre as produções da área. Esse tipo de metodologias e de análises levam em consideração a centralidade da intermediação dos vocábulos (Newman e Girvan, 2004; Brandes, 2001), o que permite identificar os termos que são centrais e que, portanto, fazem referência aos destaques do *corpus* e, por consequência, dos estudos que entrelaçam a acessibilidade e a Comunicação.

A pesquisa qualitativa, segundo Flick (2009, p. 61), está “intimamente ligada à ideia da descoberta de novos campos e da exploração de áreas que são novas ao mundo da ciência e da pesquisa”. O autor aponta, no entanto, que há ingenuidade no pensamento de que existem campos sobre os quais nada tenha sido feito e publicado (Flick, 2009). Por isso, aconselha o pesquisador a buscar proximidade com a literatura disponível e a se questionar sobre os trabalhos que existem acerca da temática a ser pesquisada (Flick, 2009).

Martino (2018) também reflete sobre a importância da revisão de literatura, chamada pelo autor de pesquisa bibliográfica, que seria aquela feita a partir de outras leituras sobre o tema. “A pesquisa é um levantamento do que vem sendo pesquisado sobre um assunto na área. O objetivo, em geral, é sistematizar linhas de pensamento a respeito de um assunto” (Martino, 2018, p. 95-96). A partir desse entendimento, adotamos a revisão de literatura (Flick, 2009; Martino, 2018) como primeiro passo metodológico, já que este artigo pretende conhecer os trabalhos feitos e publicados sobre o entrelaçamento entre a acessibilidade e a Comunicação.

Braga (2011a) reflete sobre as escolhas na feitura da pesquisa, destacando que a metodologia é inerente ao processo de investigação. Entre essas, está a “escolha dos observáveis”, que envolve decisões que compreendem, entre outros aspectos, “o conjunto específico e concreto a ser observado (‘recorte’, *corpus*, amostra, grupo, documentos, situações, pessoas, etc.)”. (Braga, 2011a, p. 9). Com base nesta afirmação, determinou-se a escolha da base de dados da Capes por entender que ela agrega a produção acadêmica de formação das pós-graduações brasileiras.

A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DAS PESQUISAS

Nossas escolhas, portanto, partem de protocolos elaborados para a coleta do *corpus*. Esse processo compreende, em um primeiro momento, o *download* da base de dados relativa à área da Comunicação (em formato “*csv*”), que permite a coleta de informações como título, palavras-chave, autoria, orientação, ano, titulação, universidade em que foi feita a pesquisa, estado e região em que a universidade fica, além do identificador do trabalho. Esse também é um aspecto determinante para a seleção, já que possibilita o aprofundamento da análise para elementos além dos títulos e resumos.

O segundo movimento é referente a um primeiro tratamento, já que a base de dados contempla todas as dissertações e teses produzidas a partir de 2013⁴ no campo da Comunicação. Portanto, para filtrar os trabalhos sobre acessibilidade, buscamos, nos campos de título e palavras-chave, a aplicação de filtros com as variáveis ‘acessibilidade’, ‘pessoas com deficiência’, ‘acessível’ e ‘acessíveis’. Dos 7854 trabalhos sobre Comunicação presentes no Catálogo, apenas 28 abordam a questão da acessibilidade, o

⁴ A atual versão do Catálogo de Dissertações e Teses da Capes contempla trabalhos produzidos a partir de 2013.

que representa um percentual de apenas 0,0035%.

A partir disso, com os ajustes na planilha, reunimos informações como o identificador, o título do trabalho, a titulação, palavras-chave, nome do programa e da instituição, estado, região e ano da defesa. Além disso, já que a base de dados não contemplava o resumo como informação, a coleta **deles** foi manual. Este passo corresponde aos dados já tratados, a partir dos quais é possível trabalhar.

O terceiro momento, a partir do *corpus* delimitado, é o da preparação para o tratamento dos dados no *software IraMuTeQ*. Esse processo compreende a elaboração de três documentos que incluem, respectivamente, os títulos, as palavras-chave e os resumos de cada um dos trabalhos. Os elementos textuais de cada uma das pesquisas foram separados por identificadores compostos por quatro asteriscos (****), que entendem os textos como unitários. O tratamento dos dados textuais foi feito pelo *Notepad*, já que este *software* permite salvar arquivos no formato .txt, necessário para que o *IraMuTeQ* reconheça o texto (Romero e Borelli, 2024; Salviati, 2017).

Com o *corpus* limpo e tratado, os três arquivos foram rodados no *IraMuTeQ* para a geração de nuvens de palavras e de árvores máximas de similitude (Romero e Borelli, 2021; Salviati, 2017; Degenne e Vergès, 1973). Tentamos, ainda, gerar as imagens de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) – também conhecida como Método de Reinert –, mas não foi possível, por conta do tamanho do *corpus*⁵. A única imagem gerada cuja compreensão foi afetada por causa do número de vocábulos é a da AMS dos resumos. Esta, portanto, demandou o movimento de tratamento no *Gephi*, outro *software* que abre possibilidades de visualizações de dados. Com a nova imagem, é possível a identificação dos nós, das arestas e da centralidade das intermediações para a formação de inferências acerca das temáticas estudadas na intersecção entre a acessibilidade e a Comunicação.

Essa base de procedimentos metodológicos permite gerar gráficos de visualização de dados que podem dar pistas e indícios para traçar um panorama dos estudos, que compõem a interface da Comunicação com a acessibilidade no nível da pós-graduação brasileira. Além disso, ao fazer um mapeamento das temáticas abordadas nessas pesquisas será possível refletir sobre sua frequência, diversidade e, assim, na própria construção de conhecimento, apontando lacunas e **possibilidades**.

MAPEANDO PESQUISAS NA INTERFACE ENTRE ACESSIBILIDADE E COMUNICAÇÃO

Como já detalhado no tópico anterior, a coleta no Catálogo da Capes resultou em 28 trabalhos em um universo de 7854 pesquisas em Comunicação. Esse número já demonstra que a temática da acessibilidade é pouco abordada na pós-graduação. Mesmo que o *corpus* seja pequeno, é interessante voltar o olhar para ele, para que seja possível conhecer o que é pauta nesses estudos e, com isso, estabelecer caminhos possíveis para a pesquisa que entrelaça a acessibilidade com a Comunicação. A análise continua na separação do subtipo da produção, entre dissertações e teses. Dos 28 trabalhos, 20 são dissertações (71,4%) e apenas oito são teses (28,6%).

⁵ Outra análise possível é com relação aos anos de produção. O ano que mais teve produções

O *software* *IraMuTeQ* roda *corpus* pequenos para a geração de nuvens de palavras e de árvores máximas de similitude, mas o tamanho reduzido não permite a geração das CHDs.

foi o de 2015, com oito trabalhos, sendo cinco dissertações e três teses. A segunda maior estatística de trabalhos é registrada no ano anterior, 2014, com cinco, seguida por 2017 e 2020, com quatro estudos cada. Um elemento interessante que coincide com o destaque nos anos de produção é que a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) foi instituída em 2015. Ela é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (Brasil, 2015). A lei é baseada na ratificação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência pelo estado brasileiro, com assinatura feita em agosto de 2008 e decreto promulgado em agosto de 2009 (Brasil, 2009). Não é possível afirmar que esses dois fatores são determinantes, mas esta é uma pista interessante que pode coincidir com o aumento do debate social e discussões legislativas.

Ao analisar a produção do ponto de vista geográfico, é possível perceber que a região com mais trabalhos, em números absolutos, é a Sudeste (14 pesquisas), seguida pelo Nordeste (seis) e pelo Centro-Oeste e Sul (quatro trabalhos cada). A região Norte não tem nenhuma tese ou dissertação registrada. Dos estados federativos, São Paulo é o que se destaca em números absolutos: 11 dos 14 trabalhos do Sudeste são de lá. Em seguida, vem o Rio Grande do Sul e a Paraíba com três pesquisas cada, seguidos pela Bahia, Distrito Federal e Minas Gerais, com dois cada. Com um trabalho, estão os estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Paraná e Rio de Janeiro.

No entanto, em termos de análise quantitativa, não podemos ficar apenas nos números absolutos. Estes precisam ser normalizados para compreender em que medida a produção de trabalhos sobre acessibilidade também é representativa do ponto de vista da quantidade de universidades, de programas de pós-graduação e, inclusive, das estatísticas populacionais sobre pessoas com deficiência. Por isso, podemos inferir, conforme a tabela 1, que Pernambuco se destaca com três trabalhos na temática e somente um programa de pós-graduação. De maneira geral, tais números corroboram a baixa incidência da temática em teses e dissertações brasileiras.

Tabela 1 - Número de trabalhos por Programa de Pós-Graduação

	Quantidade de trabalhos	Quantidade de PPGs	Trabalhos/PPGs
PB	3	1	3
BA	2	2	1
DF	2	2	1
GO	1	1	1
MS	1	1	1
SP	11	14	0,785714285714286
RS	2	5	0,6
PE	1	2	0,5
MG	2	5	0,4
PR	1	4	0,25
RJ	1	4	0,25

Fonte: Os autores, com base nos dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal, 2024

Ao voltar nosso olhar para as universidades em que as teses e dissertações foram produzidas, podemos observar, principalmente nos estados em que há mais do que uma produção, que as universidades se repetem. Com isso, não podemos afirmar que há uma tradição neste tipo de pesquisa, até porque 28 trabalhos - entre teses e dissertações - não dão conta das investigações necessárias à área da Comunicação. No entanto, esta recorrência, mesmo que pequena, dá margem para inferir que, nestes espaços, o olhar comunicacional sobre a acessibilidade está em construção. Os dados são sistematizados na tabela a seguir.

Tabela 2: Trabalhos por universidade, estado e região.

Universidade	Número de trabalhos	Estado	Região
UCB	1	Distrito Federal	Centro-Oeste
UnB	1	Distrito Federal	Centro-Oeste
UFG	1	Goiás	Centro-Oeste
UFMS	1	Mato Grosso do Sul	Centro-Oeste
UFBA	2	Bahia	Nordeste
UFPB	3	Paraíba	Nordeste
UFPE	1	Pernambuco	Nordeste
PUC/MG	1	Minas Gerais	Sudeste
UFJF	1	Minas Gerais	Sudeste
PUC/SP	4	São Paulo	Sudeste
Unesp	1	São Paulo	Sudeste
Unesp-Bauru	4	São Paulo	Sudeste
Unicamp	1	São Paulo	Sudeste
Uniso	1	São Paulo	Sudeste
UFRJ	1	Rio de Janeiro	Sudeste
UEPG	1	Paraná	Sul
PUC/RS	1	Rio Grande do Sul	Sul
Unisinós	2	Rio Grande do Sul	Sul

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Elaborado pelos autores, 2024

A partir disso, pode-se observar que as universidades que mais produzem trabalhos sobre a intersecção acessibilidade-Comunicação são a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e a Universidade Estadual Paulista do campus de Bauru (Unesp-Bauru). É interessante mencionar que a Unesp-Bauru abriga o laboratório Biblioteca Falada⁶ – de ensino, pesquisa e extensão, que é vinculado ao Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

⁶ Biblioteca Falada pode ser acessada pelo [link](#).

(FAAC) da Unesp. De acordo com o *site* do projeto, “o laboratório busca contribuir para a ampliação do repertório informativo, educativo e cultural das pessoas com deficiência visual e ampliar os conhecimentos acerca de acessibilidade midiática e comunicacional, tecnologias assistivas, desenho universal e inclusão e cidadania” (Falada, s.a.). Entre as produções do projeto estão as pesquisas e divulgações científicas sobre acessibilidade, além da produção de mídia sonora acessível e de audiodescrição. O Biblioteca Falada existe desde 2004, e é coordenado pela professora Suely Maciel⁷ desde 2013, quando o projeto foi reformulado e transformado em laboratório de ensino, pesquisa e extensão⁸.

Outro destaque é a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com três trabalhos. Um dado interessante é que os três foram orientados pela mesma pessoa: Joana Belarmino de Sousa⁹, professora titular do curso de Jornalismo da UFPB. Joana, além de jornalista, docente e pesquisadora, também é cega, e sua trajetória de pesquisa se entrelaça com suas vivências. Seus focos de investigação são a acessibilidade na Comunicação e no Jornalismo, o ciberativismo, a cegueira e a percepção tátil, além da arte, da literatura e da Comunicação. Joana escreve textos críticos em seu *blog*, “Barrados no Braille”¹⁰. Em termos de pesquisa em acessibilidade, também coordena o projeto de extensão “Monitorando a Qualidade da acessibilidade nos portais de notícias paraibanos”.

O QUE É PAUTA NO ENTRELAÇAMENTO DESSAS ÁREAS

Com o diagnóstico geral sobre a produção de pesquisas da interface entre a acessibilidade e a Comunicação, partimos para a análise do que, de fato, essas pesquisas abordam como temáticas. Ou seja, a intenção é compreender qual é o panorama geral dos estudos elencados. Este movimento serve tanto para conhecer a área quanto para entender em que medida nossos estudos são pertinentes e se suas temáticas podem contribuir para o campo. Portanto, a partir da análise lexicométrica (Degenne e Vergès, 1973; Newman e Girvan, 2004; Brandes, 2001; Romero e Borelli, 2024), usamos os *softwares* *IraMuTeQ* e *Gephi* para criar gráficos para melhor visualização dos dados que formam o *corpus*. Este foi categorizado a partir de dados textuais como título, palavras-chave e resumos. Cada um dos três foi processado¹¹ no *IraMuTeQ* para a criação de nuvens de palavras e de árvores máximas de similitude. A primeira forma de visualização dos dados permite compreender quais são as palavras que têm a maior frequência a partir tanto da centralidade dos vocábulos quanto de seu tamanho no gráfico. Já a árvore máxima, construída com base na métrica de centralidade de intermediação, mostra as palavras que têm maior frequência e inter-relação entre si (Newman e Girvan, 2004; Brandes, 2001), pelo agrupamento dos vocábulos em comunidades de palavras que têm maior proximidade entre si. Assim, as métricas detalhadas pelos gráficos são diferentes, uma dando enfoque somente para a frequência das palavras, e a outra relativizando as importâncias vocabulares em diferentes contextos.

7 É importante mencionar que a docente citada não é orientadora de nenhuma das dissertações e teses elencadas na base de dados. No entanto, o fato de existir um laboratório de ensino, pesquisa e extensão, que não só produz traduções de audiodescrição de um ponto de vista técnico, mas também pesquisas e atividades de ensino há quase 20 anos, colabora para o olhar para a temática e desperta o interesse por estudar aspectos de acessibilidade na Comunicação.

8 Informações retiradas do site do projeto.

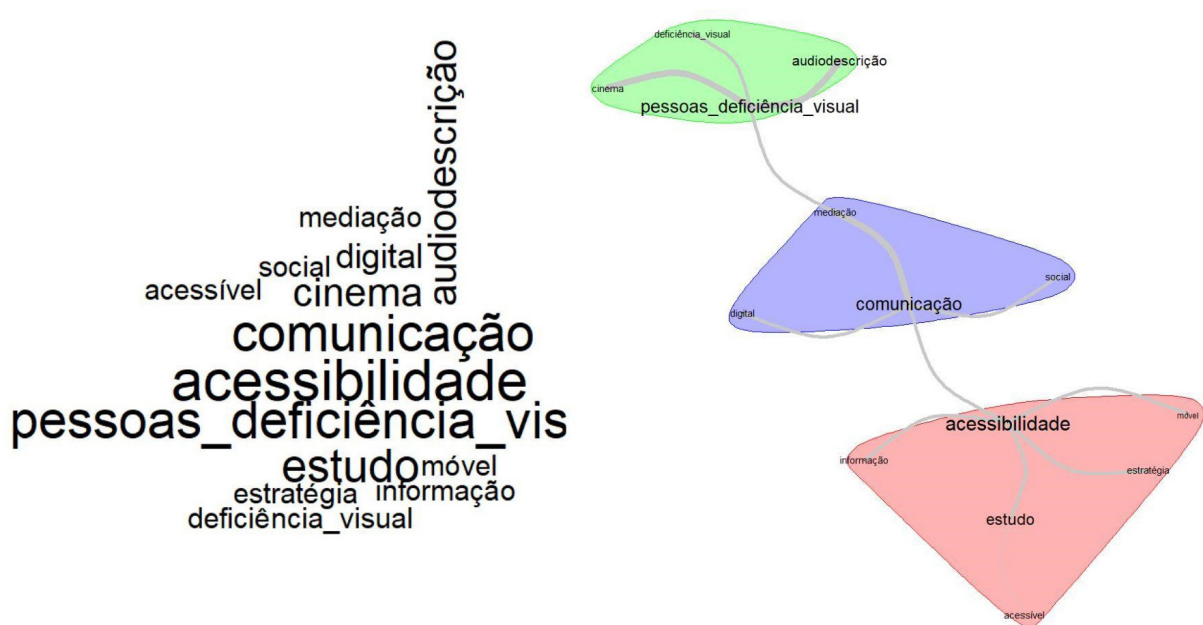
9 Informações retiradas do perfil no Escavador.

10 <https://barradosnobraille.net/>.

11 Consideraram-se, para fins de análise, as palavras consideradas ativas, ou seja, os substantivos, adjetivos e verbos.

Na visualização dos dados textuais referentes aos títulos, a partir da nuvem de palavras (Figura 1), podemos perceber algumas pistas interessantes. Com relação às métricas, foram analisadas as palavras ativas, sendo as primeiras dez palavras com maior frequência, como segue: acessibilidade (3,45%); pessoas_deficiência_visual¹² (3,02%); comunicação (3,02%); estudo (2,59%); cinema (2,16%); audiodescrição (2,16%); digital (1,72%); social (1,29%); móvel (1,29%); mediação (1,29%); informação (1,29%); estratégia (1,29%); deficiência visual (1,29%); acessível (1,29%). Para além das palavras acessibilidade e comunicação – que foram usadas como filtro para a composição do *corpus* –, o vocábulo que emerge com maior frequência é pessoas com deficiência visual (oito repetições). Palavras relacionadas a essa, no mesmo campo de sentido, são audiodescrição (cinco) e cinema (cinco). Esses dados indicam pistas para afirmar que as questões do ponto de vista visual da acessibilidade são destaque nos estudos da Comunicação.

Figura 1 - Nuvem de palavras e árvore máxima elaborada a partir dos títulos



Fonte: Os autores, 2024

Na árvore máxima de similitude formada a partir dos títulos, a separação dos vocábulos em agrupamentos de sentido é perceptível. São três grupos em torno das palavras com maior recorrência (comunicação, acessibilidade e pessoas com deficiência visual). O grupo superior, em verde, reforça a análise da nuvem de palavras, já que coloca, em um mesmo *cluster*, as palavras pessoas com deficiência visual (32), audiodescrição (12), cinema (0) e deficiência visual (0). Inclusive, o ramo que conecta as três primeiras palavras tem uma espessura maior – tanto desse agrupamento quanto dos outros –, o que indica que a recorrência com que essas palavras aparecem juntas é maior. O grupo dois, em azul, traz a comunicação (53) como central e se divide em pontos de vista do social e do digital. Além disso,

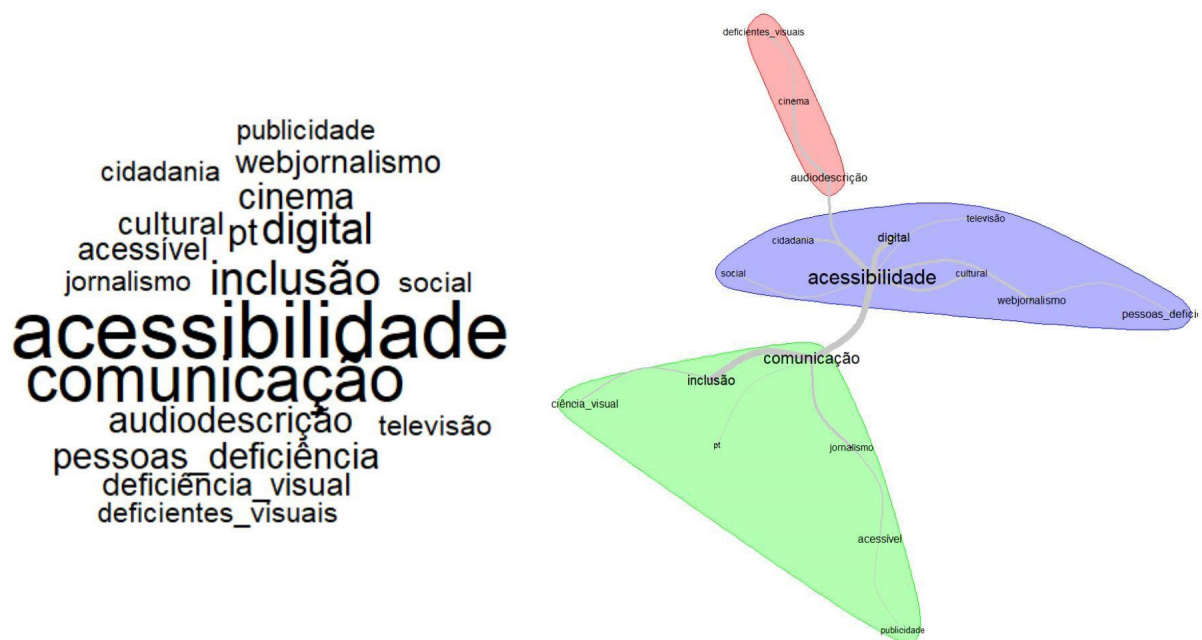
¹² Os termos que têm o uso do sinal underline, o fazem por conta do processo de limpeza do corpus. Como visto nessa listagem, há as formas de denominação "pessoa_deficiência_visual" e "deficiência_visual", que, em um texto, podem ter sentidos diferentes. Se os termos não forem tratados, na geração da nuvem de palavras, eles serão agrupados, o que pode enviesar os resultados com relação ao sentido agregado pelos clusters.

coloca a mediação (36) em interrelação com as pessoas com deficiência visual, o que evidencia uma tendência teórica de uso de teorias das mediações nos estudos elencados. Já o terceiro grupo, em rosa, coloca a acessibilidade (49) como central, e a palavra estudo (12), com tamanho maior, também tem mais frequência. Já as demais têm tamanhos parecidos, e conectam vocábulos como informação, móvel, estratégia e acessível como relacionadas. Estes termos indicam outras formas de tratamento da temática nos estudos: por meio do acesso à informação e das estratégias para que isso ocorra.

Ao estender a análise para o *corpus* formado pelas palavras-chave, podemos perceber algumas pistas interessantes. Com relação às métricas, as primeiras dez palavras com maior frequência são como seguem: acessibilidade (3,45%); pessoas_deficiência_visual (3,02%); comunicação (3,02%); estudo (2,59%); cinema (2,16%); audiodescrição (2,16%); digital (1,72%); social (1,29%); móvel (1,29%); mediação (1,29%); informação (1,29%); estratégia (1,29%); deficiência_visual (1,29%); acessível (1,29%).

O escopo de palavras se amplia, e, além das já mencionadas como destaque acima, temos outras: inclusão (oito) e digital (sete) têm mais repetições do que audiodescrição, cinema e pessoas com deficiência (com cinco cada). Cultural, acessível e webjornalismo são palavras que aparecem com quatro repetições. Por fim, temos destaque (três repetições) para outras palavras, que denotam aspectos de estudo, como: cidadania, jornalismo, publicidade e televisão. Com duas recorrências, aparecem audiovisual, democracia, direito, eletrônico, experiência, governo, humano, identidade, imaginário, linguagem, público, tecnologia e viagem. Pelas palavras e suas frequências é possível ampliar a análise e perceber que os estudos aparecem em diferentes campos da Comunicação – como a publicidade e o jornalismo –, denotam diferentes aspectos sociais (inclusão, cidadania, democracia, direito, experiência, identidade, imaginário) e enfocam, em grande medida, investigações acerca do aspecto da deficiência visual (audiodescrição, cinema, audiovisual, linguagem). Além disso, referências ao governo também aparecem.

Figura 2 - Nuvem de palavras e árvore máxima elaborada a partir das palavras-chave



Fonte: Os autores, 2024

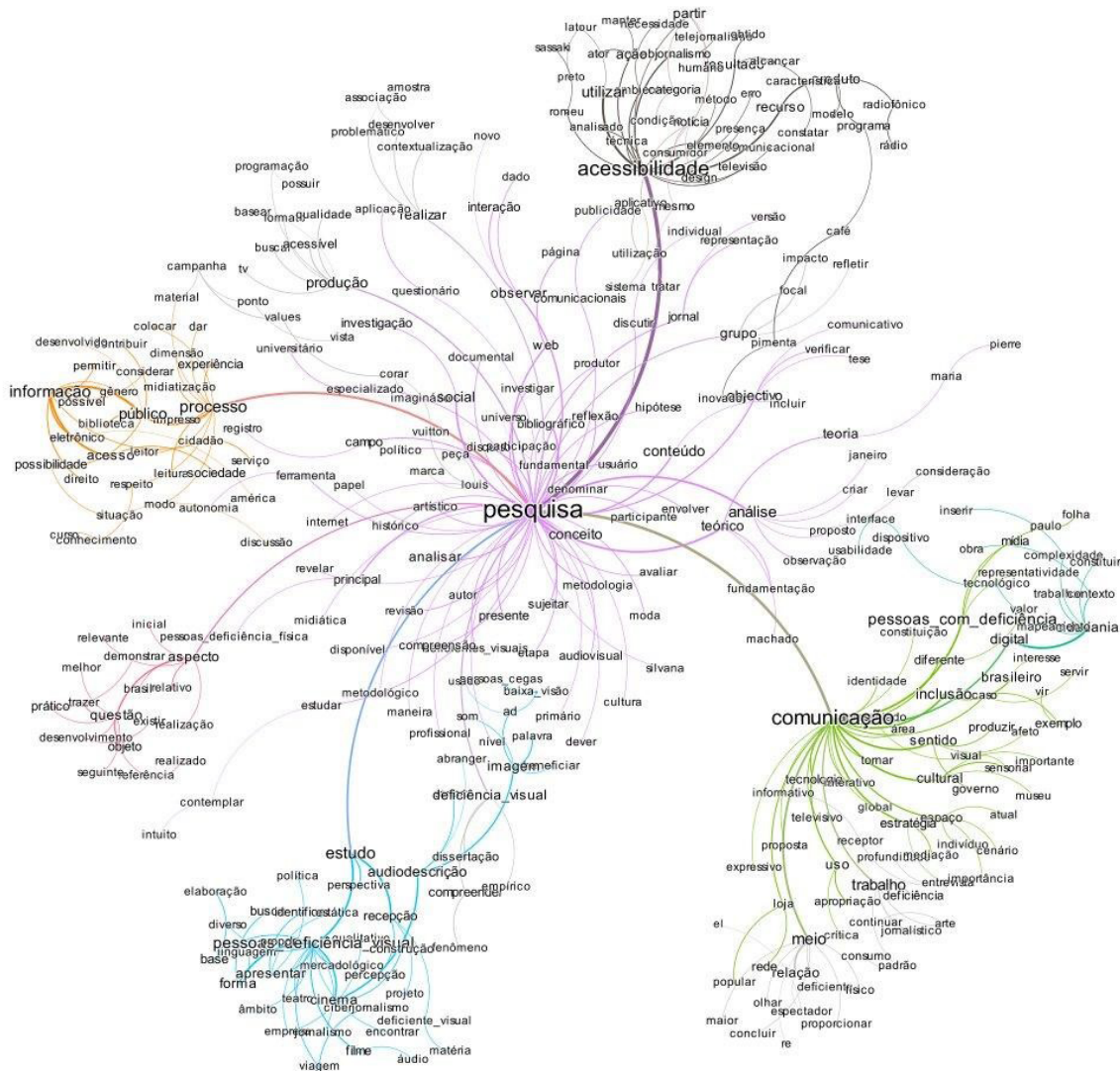
Na árvore máxima formada a partir das palavras-chave há três *clusters* bem definidos. No entanto, eles se aproximam mais e têm tamanhos diferentes. Se na AMS do *corpus* anterior, o *cluster* superior evidenciava “pessoas com deficiência visual” como termo central, neste, a palavra audiodescrição tem maior destaque no *cluster* menor. Ela é acompanhada por cinema e deficientes visuais, o que ainda denota uma consistência no campo temático. No entanto, o tamanho do *cluster* indica que, no escopo geral do *corpus*, ele não tem centralidade.

O *cluster* central, na cor azul, tem a palavra acessibilidade (81) como destaque. A segunda palavra, no agrupamento, em termos de tamanho, compreende as expressões “digital” (14) e “webjornalismo” (14), o que indica que grande parte dos estudos se concentram em aspectos digitais. Em tamanhos iguais, aparecem os termos social, cidadania, televisão, cultural e pessoas com deficiência, o que indica que os vocábulos são, em sua maioria, relativos a aspectos sociais. Já o terceiro agrupamento, na cor verde, tem como palavra central a comunicação (65) – que está ligada à acessibilidade (81), à inclusão (14) e ao digital pelo ramo com maior espessura da AMS. Isso denota a centralidade da intermediação desses vocábulos e indica a intercorrência deles, ou seja, que aparecem juntos com maior frequência. Portanto, a partir das palavras-chave que compõem o *corpus*, podemos afirmar que aparecem em grande parte das teses e dissertações analisadas. Palavras com menor centralidade e recorrência são o Jornalismo e a Publicidade, o que denota que estudos específicos são menos frequentes do que os que abordam a Comunicação.

Por fim, parte-se para a visualização de dados formados pelo *corpus* dos resumos. Por conta da quantidade de texto, esse é o maior *corpus*, o que interfere no tamanho da nuvem de palavras e da AMS. Com relação às métricas, as primeiras dez palavras com maior frequência são: deficiência (1,90%); pesquisa (1,72%); pessoa (1,59%); visual (1,28%); acessibilidade (1,18%); comunicação (1,16%); informação (0,67%); estudo (0,67%); público (0,62%); processo (0,62%).

O que chama a atenção nas duas visualizações é que a palavra pesquisa é central, mais do que os termos acessibilidade e comunicação, usados como filtros para a configuração do *corpus*. A palavra pesquisa tem 67 repetições, enquanto as palavras acessibilidade e comunicação têm, respectivamente, 46 e 45. Na centralidade da nuvem, é possível identificar as palavras maiores e, logo, as que são mais frequentes: informação, processo, público, meio, pessoas com deficiência, análise, pessoas com deficiência visual, utilizar, trabalho, audiodescrição, cinema, conteúdo, digital, inclusão, produção, conceito, cultural, experiência, recurso, ação e assim por diante. Com um maior número de palavras, é possível identificar aquelas que têm maior frequência, mas é mais difícil compreender de que maneiras elas se inter-relacionam.

Figura 4 - Árvore máxima elaborada a partir dos resumos



Fonte: Os autores, 2024

Primeiramente, é possível observar, na Figura 4, que a palavra pesquisa (54118) tem, de fato, uma centralidade grande (cor roxa). Outros *clusters* têm como destaque as palavras comunicação (24989) (verde), estudo (13115) (azul), informação (3770) (laranja), acessibilidade (14852) (chumbo), e, em tamanhos menores, pessoas com deficiência visual (11494) (azul) e produção (cinza claro). É possível inferir que as investigações têm uma tendência a focar aspectos relacionados à deficiência visual, o que pode ser correlacionado ao maior número populacional de pessoas com esse tipo de deficiência no Brasil. Tais inferências se baseiam na percepção de que há, pelo menos, um *cluster* em torno de “pessoa com deficiência visual”, e também as menções conectadas à palavra acessibilidade. Outro aspecto é o *cluster* laranja tendo a interconexão entre as palavras “processo” (13526), “público” (6042) e

“informação” (3770) o que leva a considerar os aspectos vinculados aos direitos desse público ter acesso à informação.

TEMÁTICAS QUE EMERGEM E PISTAS PARA SEGUIR

Entendemos esta reflexão a partir de um movimento de *zoom*, como se colocássemos uma lupa no *corpus* de 28 trabalhos, entre teses e dissertações. A partir da análise, podemos fazer algumas considerações. Em primeiro lugar, é evidente que as teses e dissertações acerca do recorte temático são ínfimas no universo de estudos em Comunicação. Isso reforça a problemática abordada em algumas dessas teses e dissertações de que as pesquisas dessa temática são poucas. No entanto, os resultados encontrados reforçam que o campo de estudos em Mídia e Acessibilidade está em construção também no Brasil, especialmente a partir de 2015. Ellcessor, Hagood e Kirkpatrick (2021), em artigo, elencam que não é possível, ainda, apontar este como um campo de pesquisas, mas há uma construção desse tipo de investigação que pode influenciar sua formação.

Uma das primeiras investigações que aparecem como centrais no *corpus* é a de Marco Bonito (2015). A tese “Processos da comunicação digital deficiente e invisível: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil” cria o conceito de “legislações invisíveis”. Estas seriam a garantia dos direitos para pessoas com deficiência do ponto de vista jurídico, mas cujas leis, apesar de existirem, não são postas em prática e nem fiscalizadas (Bonito, 2015). Como aponta o conceito proposto por Bonito (2015), a legislação acerca da acessibilidade coloca os direitos apenas do ponto de vista do papel, e não da prática. Isso denota que a problematização deve estar entrelaçada também com os fatores jurídicos, já que a obrigatoriedade dos aspectos comunicativos da acessibilidade é colocada na legislação¹³.

Outro elemento perceptivo a partir dos dados é que, apesar de poucas, as universidades e estados que mais têm produzido pesquisas no nível de pós-graduação são aquelas em que há professores que desenvolvem projetos de pesquisa sobre acessibilidade. Mesmo que o número de trabalhos seja pequeno, é possível inferir que há uma tentativa de construção de um eixo de pesquisa no qual a acessibilidade é importante para pensar e refletir sobre a área da Comunicação, mesmo sendo, também objeto de estudos nas áreas da Educação, no Direito, na Arquitetura, nas Artes, nas Letras, entre outras. Isso diz respeito, também, ao fato da acessibilidade ter pelo menos seis dimensões, como aponta Sasaki (2009): arquitetônica (aspectos físicos e estruturais), metodológica (elaboração de métodos e técnicas de educação, lazer e trabalho), instrumentais (instrumentos, ferramentas e utensílios), atitudinais (com relação a atitudes ou comportamentos acessíveis e não preconceituosos), programáticas (com relação a legislações, portarias e decretos) e, por fim, comunicacional (acesso à comunicação e informação). Assim, é urgente que a área da Comunicação reflita sobre a acessibilidade a partir de distintos enfoques, como da cidadania e do acesso à informação, pelas questões relacionadas às linguagens, aos usos e interações, entre outros.

13 Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015), cujo capítulo II, artigo 63, estabelece: “É obrigatória a acessibilidade nos sítios da internet mantidos por empresas com sede ou representação comercial no País ou por órgãos de governo [...]” (Brasil, 2015, s.p.). Esta lei, portanto, se refere a qualquer veículo de comunicação brasileiro que tenha *site*.

A partir dos dados, é possível identificar que a deficiência visual e as tecnologias assistivas, que são relativas a esta – como a audiodescrição – são as mais frequentes nas pesquisas que entrelaçam a Comunicação e a acessibilidade. Ademais, aparecem os aspectos sociais, de inclusão e de representação. E, por fim, as especificidades das habilitações do Jornalismo e da Publicidade, também entrelaçadas com a deficiência visual e a audiodescrição. A partir dos gráficos de nuvens de palavras e de árvores máximas gerados, percebe-se uma repetição nas temáticas que emergem dos diferentes *corpus*. Isso indica que, ao mesmo tempo em que há força nas pesquisas acerca da audiodescrição e da deficiência visual – principalmente do ponto de vista cultural, como o cinema e o audiovisual –, há fraquezas em torno de distintas áreas da Comunicação e de outras deficiências, como a surdez, o daltonismo e as de nível cognitivo.

Sobre a articulação proposta entre dados qualitativos e quantitativos, refletimos que o tensionamento entre a revisão de literatura e o uso de *softwares* contribui para ampliar o mapeamento, além de contribuir com as investigações que tratam de análise de dados. Entretanto, com o *corpus* pequeno, algumas limitações se impuseram, como a impossibilidade de geração do gráfico visual da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que classifica o *corpus* em classes de palavras e permite o aprofundamento da análise.

Por fim, este mapeamento reforça a importância de continuidade de estudos acerca da acessibilidade, tanto na Comunicação de um modo geral, quanto nas especificidades do Jornalismo, da Publicidade, das Relações Públicas, da Produção Editorial, do Cinema e de outros cursos que pensem práticas comunicacionais. Reforçamos, ainda, que este mapeamento serve como um diagnóstico acerca da produção acadêmica no nível de pós-graduação e que denota que a interface entre a acessibilidade e a Comunicação ainda é uma área de estudos em construção, e que necessita de mais atenção, aprofundamento e investigações, o que corrobora os resultados encontrados por Elcessor, Hagood e Kirkpatrick (2021).

Com essa reflexão, ampliamos nossos estudos sobre o tema, já que a acessibilidade e seus entrelaçamentos com a Comunicação e o Jornalismo são temáticas de estudo desde 2019, tanto no nível da graduação (Wobeto e Borelli, 2020a; Wobeto e Borelli, 2020b; Wobeto, Romero e Borelli, 2021; Wobeto, 2023) quanto da pós-graduação (Wobeto, Romero e Borelli, 2023; Wobeto, Borelli e Romero, 2024), que está em andamento (Wobeto, em elaboração, 2025). Os resultados aqui discutidos evidenciam a necessidade da realização de investigações sobre o tema por parte de pesquisadores do campo, pois é preciso avançar nessa temática para que haja construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BONIN, Jiani Adriana. **A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção.** In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do. (Org.) Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação. Florianópolis: Insular, 2013, p. 23-42.

BONITO, Marco. **Processos da comunicação digital deficiente e invisível: Mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas Pessoas com deficiência visual no Brasil.** Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

BRAGA, José Luiz. **A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões.** In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília: E-Compós, v. 14, n. 1, 2011a, p. 1-33.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do Campo da Comunicação.** São Leopoldo: Verso e Reverso/ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2011b, n. 15, p. 62-77.

BRAGA, José Luiz. **Teorias intermediárias: uma estratégia para o conhecimento comunicacional.** São Paulo: MATRIZES, 2020, v. 14, n. 2, p. 101-117.

BRAGA, José Luiz. **A prática da teoria na pesquisa em comunicação.** Galaxia (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 41, maio/ago., 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/39896>

BRANDES, U. **A faster algorithm for betweenness centrality.** The Journal Of Mathematical Sociology, 2001.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.** Brasil: 2015.

DEGENNE, A. e VERGÈS, P. **Introduction à l'analyse de similitude.** Revue Française de Sociologie, v. 14, n. 4, p. 471, out., 1973. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3320247?origin=crossref>. Acesso em: 24 maio 2020.

ELLCESOR, E.; HAGOOD, M.; KIRKPATRICK, B. **Rumo a um campo de estudos de deficiência e mídia.** Revista Culturas Midiáticas, João Pessoa, (15), 6-37, 2021. <https://bit.ly/4auMOeH>.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Bookman, 3. ed., 2009.

GINDIN, Irene Lis; BUSSER, Mariana Patricia. **Investigaciones en comunicación en tiempos de big data: sobre metodologías y temporalidades en el abordaje de redes sociais.** In: adComunica. Revista de Estrategias, Tendencias e Innovación en Comunicación, n. 15. Castellón: Asociación para el Desarrollo de la Comunicación adComunica y Universitat Jaume I, 2018, p. 25-43.

GITLIN, Todd. **Sociologia dos meios de comunicação social: o paradigma dominante.** In: ESTEVES, João Pissarra. Comunicação e sociedade. Lisboa: Livros Horizonte, 2009, p. 107-151.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em Comunicação: projetos, ideias, práticas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NEWMAN, M. E. J.; GIRVAN, M.. **Finding and evaluating community structure in networks.** Physical Review e, [S.L.], v. 69, n. 2, p. 69-74, 26 fev., 2004. Mensal. American Physical Society (APS). DOI: <http://dx.doi.org/10.1103/physreve.69.026113>.

PESSOAL, Coordenação de Aperfeiçoamento (Capes). **Catálogo de Dissertações e Teses Capes.** S.a. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>. Acesso em: maio, jun. e jul., 2023.

ROMERO, Luan; e BORELLI, Viviane. **Articulação entre métricas e dados textuais com experimentação metodológica para estudos em circulação.** Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 47, p. e2024114, 2024. DOI: 10.1590/1809-58442024114pt. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/4290>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SALVIATI, Maria Elisabeth. **Manual do Aplicativo Iramuteq.** Planaltina: s.e., 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa.** Projetos para Mestrado e Doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001, 216 p.

SEGATTO, Karine Arminda de Fátima. **Acessibilidade e Multimídia no Webjornalismo da América do Sul.** Dissertação (Mestrado em Processos Jornalísticos) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

WOBETO, Samara. **A construção de indicadores de qualidade para a acessibilidade comunicacional em veículos jornalísticos.** Monografia. Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2023, 163 p.

WOBETO, Samara L.; BORELLI, Viviane. **Acessibilidade Comunicacional: Análise da presença de Tecnologias Assistivas em veículos de mídia brasileiros.** São Leopoldo: IV Midiaticom, 2020a.

WOBETO, Samara L.; BORELLI, Viviane. **Construção jornalística da pessoa com deficiência e a ênfase na superação.** 10º JPJOR, 2020b.

WOBETO, Samara; BORELLI, Viviane; ROMERO, Luan. **Acessibilidade comunicativa: palavra-chave para um jornalismo democrático e cidadão.** *In: Ámbitos - Revista Internacional de Comunicación*, n. 65, verano 2024, p. 90 - 110. Doi: <https://doi.org/10.12795/Ambitos.2024.i65.05>. Acesso em: 15 jul. 2024.

WOBETO, Samara; BORELLI, Viviane; ROMERO, Luan. **Acessibilidade e pessoas com deficiência: análise da cobertura do portal G1.** *In: Dispositiva*, v. 12, n. 22, p. 232-249, 2023.

WOBETO, Samara; ROMERO, Luan; BORELLI, Viviane. **Análise Quantitativa da Cobertura Jornalística sobre Acessibilidade e Pessoas com Deficiência.** *In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom. Virtual: 2021*, p. 1-15. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/362540112_Analise_Quantitativa_da_Cobertura_Jornalistica_sobre_Acessibilidade_e_Pessoas_com_Deficiencia

SUBMISSÃO: 12/09/2024

ACEITE: 28/11/2024